

# A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA EM ESCRITAS NARRATIVAS: A DIMENSÃO AUTOPOIÉTICA

The construction of the teaching in written narrative:  
the autopoietic dimension

Arlete Vieira da Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Doutora em Educação e Contemporaneidade. Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA. E-mail: arlete@uesc.br

Data do recebimento: 22/04/2016 – Data do aceite: 16/09/2016

**RESUMO:** Trata-se da socialização de uma pesquisa em andamento que tem, nas narrativas escritas, um dispositivo de pesquisa-formação como proposta de investigação do percurso da docência vivido durante o estágio supervisionado em um curso de formação inicial. No movimento da escrita de memoriais de formação (PASSEGGI, 2008), e tendo como estratégia a técnica de acompanhamento em encontros denominados de ateliês biográficos (MOMBERGER, 2004) articulados em cinco eixos temáticos, os estudantes estagiários evocam suas memórias escolares demarcadas em experiências que se configuram como dispositivos da sua formação. Este movimento de pesquisa leva o estagiário a recriar e reinventar seu percurso e nele construir o professor que está se formando. Ao ser denominada de dimensão autopoietica do percurso de escrita, este movimento fundamenta-se na abordagem experiencial que tem na pesquisa autobiográfica e na utilização de memoriais de formação dispositivos de escrita – de pesquisa e de construção do "tornar-se professor" – a formação. Tratando-se ainda de uma pesquisa em andamento, neste trabalho, será apresentado como se configura um encaminhamento programático para o estágio supervisionado que se apropria da escrita narrativa dos memoriais como centralidade do desenvolvimento dos encontros de estágio, ao articular a perspectiva de acompanhamento em eixos temáticos para configurar o processo de formação de futuros professores – os estagiários.

**Palavras-chave:** Dimensão autopoietica. Narrativas. Memoriais de formação. Estágio supervisionado. Formação de professores.

**ABSTRACT:** This work is the socialization of an ongoing research that has, in its written narrative, a research-training device as a research proposal of the teaching experienced during the supervised practice in an initial training course. In the writing of training memorials (PASSEGGI, 2008), having the

monitoring technique in meetings called biographical workshops as a strategy (MOMBERGER, 2004), articulated on five themes, the school trainers evoke their school memories based on experiences configured as their training devices. This research movement leads the trainee to recreate and reinvent his/her route and build the teacher who is being formed. This movement, which is called autopoietic dimension of the writing course, is based on the experiential approach which has its ground in the autobiographical research and in the use of training memorials writing devices – the research and the construction of "a teacher-to-be". Since this is still an ongoing research, the setting up of a programmatic follow up for the supervised training, which appropriates the memorial narrative writings as the centrality of the development stage of meetings to coordinate the monitoring of prospective themes to configure the process of training future teachers will be presented here.

**Key-words:** Autopoietic dimension. Narratives. Training memorial. Supervised training. Teacher training.

## A Dimensão Autopoiética – Estágio e Construção da Docência

*“[...] usou com força uma caneta  
azul e as frases com caneta  
‘cê não pode apagar!’”*

(Nando Reis, 2000)

A formação de professores, fomentada em nível superior, está sustentada em dispositivos legais que a consolidam e determinam matrizes curriculares que asseguram variados conhecimentos acerca da docência para o futuro professor. Tanto na legislação que trata das diretrizes curriculares para os cursos de formação de professores (BRASIL, 2002), ao prever o que deve ser ensinado e qual a carga horária de componentes curriculares, o percurso da formação está engendrado de sujeitos que, “cerceados” por conteúdos curriculares, são também autônomos no processo de construção da identidade e da profissão professor. Como parte de uma pesquisa em andamento, este texto se institui no percurso de formação descrito em narrativas

ao se apropriar das memórias escolares como dispositivo de pesquisa-formação. A pesquisa, a que se refere este trabalho, propõe a construção da identidade docente a partir do vivido no tempo-espaço do estágio e propõe que o estudante estagiário ao descrever o seu percurso de formação no movimento de escrita de suas memórias, em memoriais de formação, apreende e determina a sua formação. Esse movimento de, ao escrever suas memórias e provocar a partir delas, a reflexão, a criatividade e a criticidade diante do vivido é denominado, aqui, de dimensão autopoiética, ou seja, considera-se que, na evocação e reconstrução de fatos e situações vividas, inevitavelmente o sujeito se reinventa, se recria e determina individualmente o docente que quer ser. Nas palavras de Nascimento (2010, p. 103) a dimensão autopoiética diz respeito à capacidade de auto criar-se, ao narrar a própria existência. A autopoiése é colocada, dessa forma, como dimensão ao reportar ao processo constante de reorganização autônoma própria dos seres humanos, ou seja, significa dizer que as pessoas são capazes de produzir seus próprios componentes ao interagir com o meio. Para tanto, a escrita

do memorial acontece num processo de descoberta de saberes biográficos e de saberes necessários à prática educativa (FREIRE, 1997), permitindo que o estudante estagiário e, formando, se descubra e reflita sobre si, na condução de sua formação. Destaque-se que a dimensão autopoietica fundamenta-se numa concepção biológica que buscou explicar o fenômeno da vida, o mistério da força vital. Esta concepção foi desenvolvida por Maturana e Varela (1973) e tentou explicar relações de diversos elementos num sistema. A autopoiese, segundo estes autores, existe no espaço físico, portanto, e constitui a condição última, necessária e suficiente da própria vida. Dessa forma, no movimento da escrita do memorial de sua formação, o estudante estagiário, ao evocar sua vida escolar, suas experiências vividas no percurso da formação se reinventa, se autoforma.

O estágio, durante o curso de formação, é o espaço-tempo de articulação desse movimento da escrita narrativa, a escrita de memoriais. Concebido a partir de Pimenta e Lima (2004) como campo de conhecimento e tempo de pesquisa da docência e de todas as idiosincrasias que lhe são pertinentes, o estágio tem em sua proposta de desenvolvimento a escrita de narrativas, cumprindo seu papel de tempo e (re)conhecimento da docência e como espaço da pesquisa e do cotidiano da escola. Como encaminhamento de articulação deste movimento as narrativas, expressas na escrita de memórias de formação, configuraram a proposta de desenvolvimento e realização do estágio.

Na forma e instalação de um ateliê biográfico (DELORY-MOMBERGER, 2008) o estudante estagiário é convidado para a evocação de sua história de vida escolar e configurá-la na escrita do memorial de formação. Este paralelismo entre o que está sendo ensinado-aprendido e descrito na forma de narrativas é assumido durante o estágio como dispositivo de pesquisa-formação dos

estudantes estagiários. O ateliê biográfico, inicialmente, confirma-se como um projeto durante o desenvolvimento do estágio e como articulador da escrita dos memoriais, ou seja, um movimento que traduz

[...] um forte estímulo às pessoas em formação a fazerem um trabalho reflexivo sobre elas mesmas: realizando um balanço de seus percursos e de suas competências, inscrevendo sua formação num projeto pessoal e profissional e atestando desse modo, sua formabilidade e empregabilidade (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 89).

Neste trabalho reflexivo, organizado em etapas do ateliê biográfico, conforme citado por Delory-Momberger (2008), está configurado o que se tem denominado aqui como dimensão autopoietica da escrita de narrativas, dimensionando o que acontece ao sujeito ao evocar e escrever suas memórias escolares.

Passeggi (2006, 2008, 2011) em toda sua produção científica em torno da temática da escrita de memoriais nos convoca a este entendimento aos definir e situar os memoriais como escritas narrativas de professores ou de estudantes em processo de formação. Para esta autora, a escrita do memorial, mesmo como injunção institucional ao se caracterizar como instrumento para os processos seletivos de concurso ou de carreira docente, ou ainda na forma de instrumento ou fonte de pesquisa para Trabalhos de Conclusão de Curso, o movimento desta escrita se configura, em uma dimensão autopoietica:

[...] a escrita institucional favorece o processo de invenção e da expansão de si, na reflexão sobre si mesmo, com o outro e com o mundo. Na medida em que o narrador prossegue no processo de descoberta de saberes biográficos, o fascínio da escrita de si transmuta injunção em sedução e permite que vá tecendo representações de si e de princípios fundadores da docência, desvelando

suas travessias autobiográficas para se tornar quem está sendo (PASSEGGI, 2008, p. 127).

A construção da identidade docente vai sendo gerada em cada evocação de tempos e situações escolares vividas e, desveladas no momento da escrita narrativa.

A escrita dos memoriais de formação, ao pressupor tempos e situações, prevê a estratégia de acompanhamento destes tempos e situações. Dessa forma, este movimento estará descrito a seguir como a organização e instalação do ateliê biográfico mediando o processo de escrita das narrativas.

### O ateliê biográfico – acompanhamento de percursos de formação no estágio

A utilização do Ateliê biográfico, como instrumento metodológico, insere-se no domínio da pesquisa em formação de professores, no caso, deste trabalho, na formação inicial em Letras, como um possível encaideamento de efetivar abordagens reflexivas sobre a formação do professor. Assim sendo, trata-se de apreender, no desenvolvimento do Ateliê biográfico, as aprendizagens experienciais vividas durante o processo de formação.

Na realização do Ateliê biográfico, seguindo encaminhamentos teórico-metodológicos propostos por Delory-Momberger (2006), é possível apreender marcas das identidades e das subjetividades dos sujeitos em processo de aprendizagem e desenvolvimento cotidianos, pois está considerada a dimensão do relato como construção da experiência e da história de vida, como espaço de formação. Dessa forma, a dinâmica do Ateliê biográfico é realizada em grupo, pois ressalta a importância da “dimensão socializadora da atividade biográfica”. É estabelecido um “contrato”, para que o compromisso diante da socialização dos relatos de vida seja pre-

servado, ou seja, como efeito de harmonizar nosso espaço-tempo individual com o espaço-tempo social (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 370).

Para tanto, a utilização do Ateliê biográfico justifica-se por ser este, um dispositivo que inscreve as trajetórias de vida-formação-profissão em uma dinâmica retrospectiva e prospectiva, em que os sujeitos falam de suas vidas, contam suas histórias, relatam suas experiências vivenciadas num determinado tempo e espaço. Considera a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e compreende a reflexão dos percursos como um espaço de mudança aberto ao *projeto de si* (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 370).

A configuração do Ateliê biográfico<sup>2</sup>, como dispositivo metodológico nesta análise, seguido de etapas caracterizadas numa estratégia de acompanhamento que oscila entre atividades de escrita e atividades de socializações orais para que, paulatinamente, a escrita do memorial aconteça.

Para constituir reflexões sobre a dimensão autopoietica no movimento de escrita do memorial de formação, são sugeridos eixos temáticos como norteadores para a escrita. A escrita, acompanhada e motivada com sessões de filmes, de poesias, leitura de livros entre os gêneros textuais em encontros regulares durante um semestre como subsídios-bases para a escrita do memorial de formação:

[...] a) trajetória de vida pessoal e profissional; b) a trajetória da escolaridade; c) a imagem e perfil da docência; d) aprendizagens da docência e identidade profissional e d) o estágio como campo de conhecimento e pesquisa da docência (SILVA, 2010, p. 15).

O estudante estagiário é convidado a reviver, através de evocações, a experiência vivida em seu percurso escolar para que, nes-

se movimento recrie-se, reinvente-se como futuro professor. A escrita do memorial é compreendida como dispositivo de pesquisa-formação, pois é um meio de investigação e, também, um instrumento pedagógico construído no percurso dos encontros na universidade e nas vivências na escola campo de estágio,

[...] como meio de investigação contribui para a apreensão de dispositivos sobre os percursos de formação e de dimensões do cotidiano escolar, de questões vinculadas à profissão, além de possibilitar a apreensão de diferentes processos de aprendizagem, de conhecimentos e de formação, através das experiências e modos de narrar as histórias individuais e coletivas [...] (PASSEGGI, 2008, p. 128).

Nestes pressupostos, a escrita do memorial, a partir das vivências experienciadas no Ateliê biográfico, possibilitará sistematizar as dimensões da “vida-formação” acerca do processo de formação inicial em Língua Portuguesa.

Para a escrita de memoriais de formação apropriei-me das discussões apresentadas e tematizadas por Passeggi (2006, p. 205), ao situar os memoriais autobiográficos como uma prática de escrita de si que, acontecendo no espaço das universidades, define-se como uma “escrita institucional de si”.

Assim sendo, a abordagem biográfica é pertinente, neste trabalho, ao ser delineado como um meio de investigação e como instrumento pedagógico. Na proposta do Ateliê biográfico, a perspectiva da investigação-formação está sendo contemplada ao situar a escrita do memorial de formação como o instrumento pedagógico de registro do percurso situado no ateliê. Este movimento confirma que,

[...] como investigação, tal abordagem (a biográfica) contribui para a apreensão

de dispositivos sobre os percursos de formação e de dimensões do cotidiano escolar, de questões vinculadas à profissão, além de possibilitar a apreensão de diferentes processos de aprendizagem, de conhecimento e de formação, através das experiências e modos de narrar as histórias individuais e coletivas expressas nos memoriais de formação (SOUZA, 2008, p. 128).

O memorial de formação, portanto, inaugura a fase de elaboração narrativa (JOSSO, 2002, p. 88-89), das informações descritas durante a investigação-formação provocadas no ateliê biográfico. A proposta de escrita de memorial está configurada nas definições e suportes teórico-metodológicas apresentada e desenvolvida, conforme mencionado, pela professora Maria Conceição Passeggi. O memorial de formação é a forma de registro das vivências e experiências que permitem ao sujeito pensar nos porquês das suas escolhas, das atitudes diante das situações vividas na formação inicial e dos acontecimentos marcantes vividos, experienciados e propostos durante o Estágio Supervisionado. As narrativas escritas, presentes nos memoriais, são concebidas como processos de intervenções férteis que podem potencializar a transformação dos sujeitos, visto que entrelaçam processos de autoria e de construção identitários “[...] é um ato, portanto, formativo, no qual ‘dizer’ é ‘ser’” (PASSEGGI, 2000, p. 15).

O trabalho com a escrita de memoriais de formação toma a experiência do sujeito adulto como fonte de conhecimento e de formação (JOSSO, 2002), caracterizando a perspectiva da investigação-formação, uma vez que as memórias escritas/narradas vinculam-se e articulam-se ao próprio processo de formação. É utilizado enquanto dispositivo que exige do sujeito em formação refletir sobre as vivências da prática na escola, construção de concepções acerca do ensino e do exercício da docência e, conseqüentemente,

a avaliação do percurso da formação inicial e o trabalho docente em salas de aula.

Na escrita de si, através do memorial, o sujeito-autor “[...] narra sua história de vida intelectual e profissional, analisa o que foi significativo para a sua formação [...] sendo também, um modo de cada autor modificar-se” (PASSEGGI, 2008, p.15), por se tratar de uma prática reflexiva, possibilita uma “reinvenção de si” (JOSSO, 2002). Esse dispositivo promove um (re) pensar sobre a formação e o trabalho docente de modo que “oferece ao (futuro) professor as chaves de acesso ao processo histórico de sua formação, aos conhecimentos implícitos e às novas formas de aprendizagem” (PASSEGGI, 2008, p. 43). Por meio das escritas de si, é possível então, adentrar “[...] em territórios existenciais, em significados construídos sobre dimensões da vida, sobre os trajetos, sobre os percursos formativos, sobre a docência” (OLIVEIRA, 2006, p. 51).

Segundo kenski (1996), o uso dos memoriais é uma proposta de rememoração que pode trazer pistas importantes sobre aspectos da vida profissional. Para os educadores em efetivo exercício da docência é uma alternativa de pensar o trabalho docente, ou seja:

A análise e a discussão das marcas do passado podem levar à compreensão da repercussão, na vida profissional, de diferentes situações vividas: crises, mudanças, rupturas, sucessos e fracassos. Esse conhecimento possibilita ao professor tomar medidas no sentido de superar determinados problemas, reformular concepções pessoais sobre a sua maneira de ensinar, seu relacionamento com a disciplina, as formas que utiliza para avaliar seus alunos etc. além de resgatar a imagem do bom professor, construída a partir dos contatos efetuados durante toda a sua trajetória escolar (KENSKI, 1996, p.106-107)

Dessa forma, as narrativas descritas nos memoriais, tomadas como narrativas de formação (JOSSO, 2002), inscrevem-se nesta abordagem teórico-epistemológica, ao possibilitar a compreensão do processo de formação e autoformação, revelado nas experiências dos sujeitos em formação. O contexto educativo do curso de licenciatura de professores, portanto, está implicado como o lugar da formação e, conseqüentemente, do processo de construção da identidade docente.

É importante ressaltar que não está delimitado um tempo para a sua escrita ao se determinar uma data para a sua entrega. É a escrita da trajetória que, motivada pelos encontros em sala de aula, nas reflexões da prática e do cotidiano da escola e, principalmente, nas aprendizagens vividas e reinventadas no percurso do estágio, se configuram em uma história de vida que é provocada nesse percurso. Sem se configurar como um instrumento de avaliação, portanto, se configura como um instrumento pedagógico que tende a provocar a reflexão do sujeito que escritor é autor-ator de seu processo de construção da docência (FREIRE, 1997). Esse movimento de autonomia se refaz na reflexão do vivido como estudante no acesso à escola em suas memórias da infância, nas evocações de professores marcantes em sua vida estudantil, de práticas pedagógicas que o levaram à apreensão de conhecimentos e aprendizagem e que independente ou dependente delas levaram-no à busca da formação e nela o “tornar-se professores – tornar-se professoras”. Em sua dimensão formativa permite que o ator-autor em formação desenvolva o exercício da reflexão sobre si, sua formação e inserção profissional, apropriando-se de seus processos formativos, se autoformando, se autoavaliando e reinventando a si mesmo (NASCIMENTO, 2010 p. 76). No percurso da pesquisa tem-se constatado que o memorial tem se constituído, devido sua natureza

reflexiva e autopoietica como um instrumento para problematizar questões ligadas à docência, aos percursos formativos e a identidade docente ao possibilitar o movimento autopoietico dos estudantes estagiários.

Segundo Souza (2007), é deste lugar e da escrita reflexiva que o sujeito pode produzir um conhecimento sobre si, sobre os outros e sobre o cotidiano, potencializa, portanto, sua singularidade e a reflexão sobre sua identidade docente a partir de suas experiências.

A organização e a construção narrativa de si implicam colocar o sujeito em contato com suas experiências formadoras, as quais são perspectivadas a partir daquilo que cada um viveu e vive, em simbolizações e subjetivações construídas ao longo da vida (SOUZA, 2007, p. 16)

Nessa articulação de conhecimentos, de experiências e de vivências construídas no estágio, os sujeitos da pesquisa, participantes do ateliê-biográfico, são convidados à reflexão do seu percurso de formação. Para tanto, a organização do ateliê biográfico, com etapas e atividades sistematizadas subsidia a reflexão e a posterior escrita do memorial de formação.

Com a sistematização em encontros, o ateliê biográfico é estruturado em atividades dinâmicas cuja necessária flexibilidade, contempla a flexibilidade e a preparação para a escrita do memorial de formação. Note-se que em cada etapa, as atividades se encaminham para que a escrita do memorial aconteça processualmente.

A organização de dispositivos na forma de sugestões/roteiros é necessária para que em cada atividade do ateliê biográfico, os estudantes estagiários focalizem suas memórias em torno do objeto de cada eixo/tema. Abrahão (2008) aponta para a necessidade de tecer considerações sobre o modo de trabalho e, logo, para a escrita narrativa, no caso do memorial de formação:

As trajetórias narradas proporcionam a construção de sentido de uma vida – a narração dessa trajetória não é resultado do que realmente ocorreu em termos de experiências e aprendizagens, mas é resultante dessa organização desses elementos como um argumento com dimensão temporal, espacial e de múltiplas relações sociais (ABRAHÃO, 2008, p.172-173).

Dessa forma, a proposta dos encontros para a realização do ateliê biográfico, a escrita do memorial de formação demarca o percurso reflexivo percorrido como espaços-tempo do percurso de formação. Configura-se como o momento onde os estudantes estagiários, refletem, descrevem e (res)significam conhecimentos acerca de si, do outro e das relações entre o aprender a ensinar.

Nesta proposta, acima descrita, o ateliê biográfico se configura como um dispositivo de pesquisa que se insere nas pesquisas de investigação-formação que, conforme Nóvoa (2002), tem uma base epistemológica onde:

[...] a formação não se constrói somente pela acumulação de conhecimentos e de técnicas desenvolvidas durante o curso, mas num movimento de flexibilidade crítica sobre a prática e de re – construção permanente da identidade pessoal e da profissão, conseqüentemente. [...] os momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais são, também, momentos de formação e de investigação. (NÓVOA, 2002, p. 39).

O referido “balanço” dos percursos pessoais e profissionais descrito por Nóvoa (2002) constitui-se como *corpus* desta pesquisa e carrega elementos para a compreensão do percurso da formação vivido/experimentado pelos estudantes-estagiários acerca do percurso de sua docência.

## Considerações Finais

O memorial de formação insere-se nas pesquisas de abordagem experiencial que tem como base a autobiografia como referência. As pesquisas (auto)biográficas estão vinculadas ao movimento de compreensão da ciência e do sujeito cujas finalidades estão em romper com o positivismo, com os pressupostos da ciência moderna e com a racionalidade técnica imposta por essa concepção de ciência. Dessa forma, o método (auto)biográfico valoriza a subjetividade, as histórias de vidas, as trajetórias e a construção dos sujeitos em seus diferentes contextos. Vale ressaltar que, atualmente, são muitos os pesquisadores que, com suporte nesta perspectiva epistemológico-metodológica e com base no registro e na categoria professor-reflexivo utilizam-se da escrita de narrativas autobiográficas, como os diários, as cartas, os portfólios, os memoriais e novelas de formação.

Para que o memorial de formação se configure como um dispositivo de pesquisa-for-

mação está-se contemplando a relação da pessoa do estagiário com o conhecimento, pois ao escrever sobre a própria aprendizagem está situado o processo e não o produto, a ação e não a produção, ou seja, a formabilidade. Nas palavras de Delory-Momberger (2008, p. 99), a “[...] capacidade de mudança qualitativa, pessoal e profissional, engendrada por uma relação reflexiva com sua “história”, considerada como processo de formação”. Tem sido significativo perceber que neste movimento de escrita promovido nos encontros, denominados de ateliês biográficos, o desafio de narrar o percurso de formação se evade em muitos outros momentos em que a invenção de si se constitui a verdadeira escrita. Ao refletir cada um dos eixos motivadores para a escrita que tem como lastro o percurso da formação, o autor-escritor traz a sua vida, seus fatos e experiências que de forma dinâmica o movimentam internamente. Para a pesquisadora está a possibilidade de que para além das respostas que procura e a oportunidade de trazer à tona a dimensão autopoiética desbravadora na escrita dos memoriais.

## NOTAS

<sup>1</sup> Fragmento da música Frases azuis de Nando Reis (2000). Álbum Para quando o arco-íris encontrar o pote de ouro. Uma analogia com as escritas definitivas, assim como as memórias, quando vividas não é possível que sejam apagadas.

<sup>2</sup> A organização do Ateliê Biográfico se configura nesta pesquisa a partir dos encaminhamentos já vivenciados no Projeto Mosaico de Si: memórias, narrativas e formação (SILVA, 2010), aplicado desde o ano de 2010, como dispositivo para a escrita do memorial de formação, instrumento avaliativo do componente Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa no Curso de Letras da UESC. A proposta do projeto Mosaico de Si é de que os alunos-estagiários busquem inicialmente, em suas vivências como estudantes a trajetória estudantil baseada nas aulas de Língua Portuguesa desde a entrada na escola até o término da educação básica. Num segundo momento, os estagiários são motivados à reflexão sobre a formação inicial desde a escolha pelo curso de Letras até os encaminhamentos propostos acerca do Ensino de Língua Portuguesa durante o curso. E, finalmente, a partir da experiência durante o estágio supervisionado, as vivências teórico-práticas da docência em Língua Portuguesa. A apresentação deste percurso vivenciado no Projeto Mosaico de Si acontece na forma da escrita de narrativas denominada de Memorial de formação.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador: EDUNEB, 2006, p. 203-218.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- MATURANA, H. e VARELA, F. **A árvore do conhecimento**, Campinas, SP: Ed. Psy II, 1973.
- DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2 p. 359-371, maio/ago. 2006.
- DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e Educação**. Figuras do Indivíduo-projeto. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.
- KENSKI, V. Memória e Prática docente. In: BRANDÃO, C. (Org.) **As faces da Memória**. Campinas: Centro de Memória-Unicamp, 1998.
- NASCIMENTO, G. **Memorial de formação**: um dispositivo de pesquisa-ação-formação. Dissertação. (Dissertação de Mestrado). Natal, RN, 2010.
- NÓVOA, A. (org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa, Dom Quixote, 1992.
- OLIVEIRA, M. B. Revisitando a formação de professores de língua materna: teoria, prática e construção de identidades. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 6, n. 1, p. 101-117, jan.-abr. 2006.
- PASSEGGI, M. C. **Memoriais de formação**: o processo de autoria e construção identitária. Natal, UFRN, 2000.
- PASSEGGI, M. C. A Formação do Formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador: EDUNEB, 2006, p. 203-218.
- PASSEGGI, M. C. Mediação biográfica: figuras antropológicas do narrador e do formador. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. (Org.). **Memórias, memoriais**: pesquisa e formação docente. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, p. 43-59.
- PIMENTA, S.; LIMA, M. S. **Estágio e docência**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
- SILVA, A. **Mosaico de si**: memórias, narrativas e formação. Ilhéus, UESC, 2010. (Digitalizado).
- SOUZA, E. C. Histórias de vida, escritas de si e abordagem experiencial. In: SOUZA, E. C.; MIGNOT, A. C. (Org.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, 2008. p. 65-88.

